

25

**Lola - Leila**

I

Sempre Lola Mendez.

Borboleta humana expressando mulher.  
Perfumaria e seda farfalhante.

Bailarina admirável. Estonteante beleza.

Transportava a graça nos pés. Ao fim de  
cada espetáculo, era o centro das atenções.  
Ceias lautas. Esvaziam-se garrafas e bolsas.

Dentre todos os admiradores, porém, sa-  
lientavam-se dois que, por ela, arruinaram a  
própria vida: Dom Gastão Álvares de Toledo,  
que abandonara esposa e filhos para fazer-lhe  
a corte, e Dom Jairo Carízio, que assassinara  
o próprio pai, às ocultas, para ofertar-lhe mais  
ouro.

Lola, entretanto, queria mais.

Soberana da ribalta, envolvia-os em sor-  
risos maliciosos.

Explorou-lhes o coração, até que se vis-  
sem, revoltados, um à frente do outro, em  
duelo fatal.

D. Jairo, mais forte, eliminou o rival, com  
estocada irresistível; no entanto, obsidiado  
pela vítima, desceu, a breve tempo, para a ca-  
verna da loucura, onde encontrou a morte.

Lola Mendez dançou e bebeu por muito  
tempo ainda...

Um dia, o espelho contou-lhe a história  
da velhice.

Rosto enrugado. Cabeça branca. Passo  
lento.

Amedrontada, aprendeu a encontrar o so-  
corro da prece.

E quando o túmulo lhe acomodou os res-  
tos no esquife estreito, veio a saber que Dom  
Gastão não morrera, que D. Jairo padecia as  
consequências dos próprios crimes, e que ela  
própria vivia.

Chorou. Desesperou-se.

Peregrina do sofrimento, errou longo tem-  
po nas trevas.

Um dia, mãos piedosas traçaram-lhe nova  
senda.

Renasceria no mundo. Seria pobre, muito  
pobre. Esconderia em lar humilde a passada  
grandeza.

E, ao lado de homem simples, receberia  
D. Gastão e D. Jairo como filhos, para reedu-  
cá-los. Ela que os havia moralmente aniqui-  
lado, na posição de mulher inconstante, rea-  
bilitá-los-ia com devotamento de mãe.

## II

Lola renasceu.

Chamava-se agora Leila.

Menina apagada. Recomeço laborioso.

Trabalho árduo.

Antes dos vinte, desposou Luís Fernandes, metalúrgico modesto.

Segundo o plano estabelecido, os antigos rivais lhe encontraram a rota.

Ressurgiram do seu sangue. Seriam irmãos gêmeos, desfazendo toda a discórdia.

A antiga devedora, contudo, novamente em plenitude juvenil, aspirava a gozar... Queria jóias, prazeres, descanso, luxo...

E, fugindo aos compromissos, praticou o aborto criminoso por quatro vezes, expulsando-os do corpo e do pensamento, como se fossem agentes da peste.

Dom Gastão e D. Jairo, reunidos agora no mesmo instinto de esperança, rogaram-lhe compaixão. Buscavam-na em sonho. Argumentavam. Queriam viver.

A antiga bailarina, porém, recalcitrava...

Banidos violentamente pela quinta vez, ambos tramaram vindita, enceguecidos de ódio.

E quando Lola, agora Leila, se divertia, a distância do esposo, influenciaram-na, totalmente.

Ela se pôe a ingerir bebidas alcoólicas.

Noite alta, a moça leviana toma o carro de um amigo, que se propõe conduzi-la de volta.

O velocímetro acusa quarenta, sessenta e, depois, noventa quilômetros à hora.

D. Gastão e D. Jairo, excitados, pressionam a mente da amiga, que, com o terror estampado nos olhos, se diz dominada por fantasmas.

Acreditando-a sob o domínio exclusivo da embriaguez, o acompanhante da noite alegre procura contê-la, sem largar o volante.

Atritam-se. E antes que o freio funcionasse, abre-se a porta, e Leila, ontem Lola, cai no asfalto, partindo o crânio.

O carro dispara, na madrugada cinzenta.

E de tudo o que ficou, entre os homens, nas anotações da manhã seguinte, foi o número da ambulância que recolheu na rua um corpo de mulher morta...

Do outro lado da vida, porém, Leila era violentamente agarrada por dois feros algozes...

